

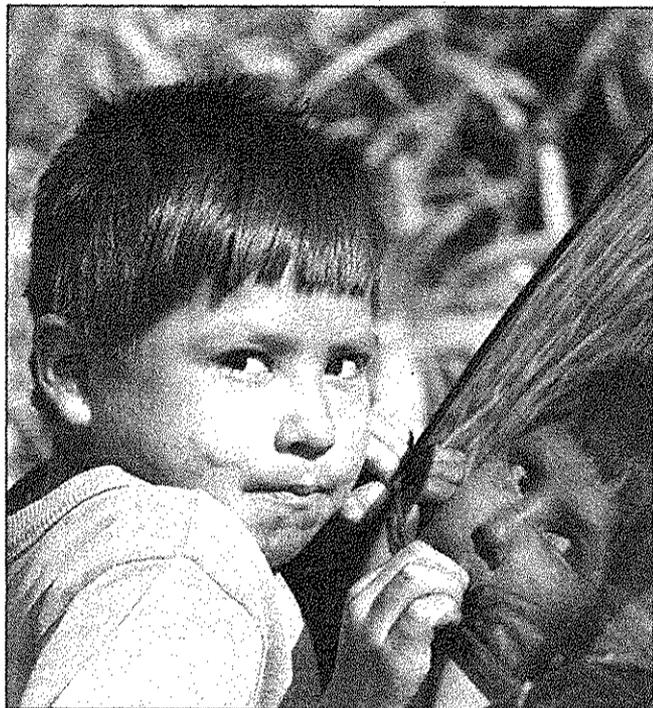
4468

800

POVOS INDÍGENAS

Cura passa pela recuperação da cultura

A recuperação da tradição caingangue na reserva de Guarita começa a ser usada como arma contra doenças



CLARINHA GLOCK

No interior da igreja da Assembléia de Deus da área indígena de Guarita, no norte do Estado, um indiozinho caingangue aguardava ansioso pela apresentação do teatro de marionetes na última quarta-feira. Os pés descalços não pareciam sentir o chão frio e úmido. Vez ou outra, abria um sorriso tímido, denunciando os dentes escassos e a falta de atendimento odontológico dentro da reserva. O garoto ouvia atentamente à explicação dada por uma moça que manipulava a marionete com destreza. “Comadre, o bebê está com “di” e “vô”, posso dar chá de pitangueira?”. Ao que a bonequinha do lado respondia: “O chá é bom, mas tem de procurar o posto de saúde”.

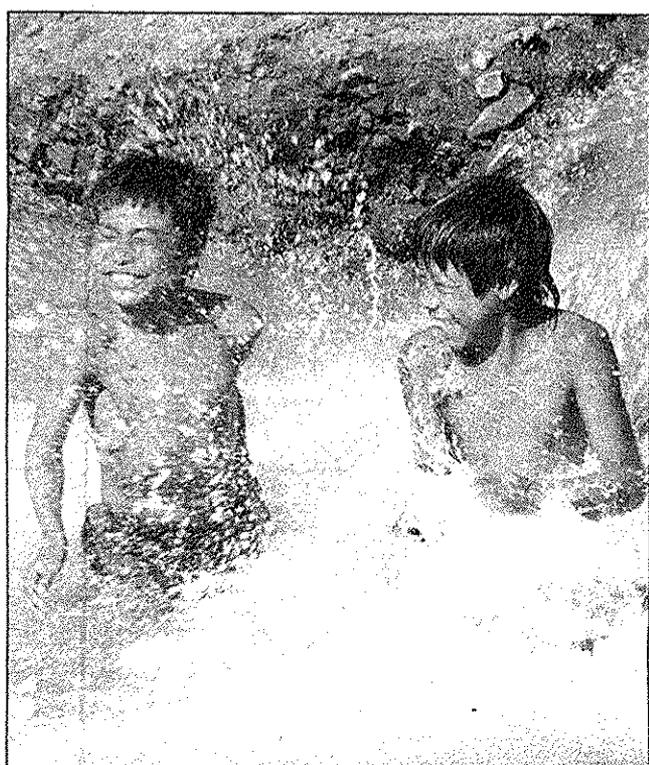
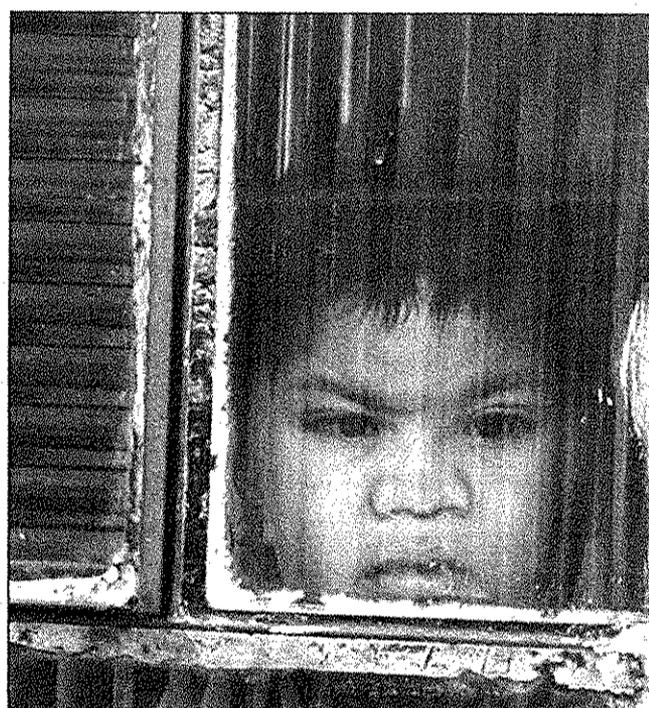
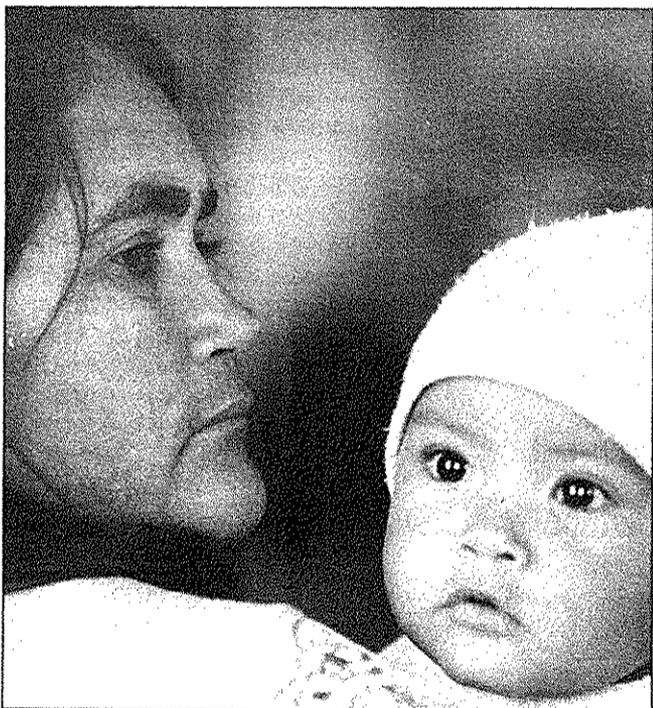
O diálogo apresentado pelos estudantes da Universidade de Ijuí que integram o programa Juventude Solidária é conseqüência de uma visão diferenciada sobre o trabalho de prevenção à saúde entre os índios. Foi elaborado em conjunto com o médico Silvano Rocha Neto, da Divisão de Programas e Projetos Especiais da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSMA). “As caingangues costumam se chamar de comadre em Guarita, e o chá é uma herança transmitida de geração para geração”, explica Neto. No diálogo, “di” é diarreia e “vô” é vômito. O médico foi enviado à área para diagnosticar as causas das mortes recentes registradas por complicações de uma simples virose. Desde o dia 7 de janeiro, os jovens universitários percorrem cada casa, identificando e cadastrando as famílias com crianças desnutridas que deverão receber alimentação e ajuda financeira do governo pelo projeto Piá 2000.

Neto e os estudantes perceberam que, para ter sucesso, o trabalho de melhoria da saúde indígena deve passar antes pela reconquista da identidade e pelo respeito às tradições. Para isso, é preciso obter também o apoio dos pastores e crentes que se tornaram, ao longo dos últimos anos, autoridades ao lado do cacique Valdir Joaquim. Nesse processo, os índios terão de superar décadas de descaso por parte das autoridades que oficialmente teriam responsabilidade de protegê-los e recuperar seus direitos como cidadãos. Um exemplo: embora muitos caingangues tenham título de eleitor – o que lhes garante a atenção das prefeituras das cidades onde se localiza a reserva –, alguns não puderam ser cadastrados no Piá 2000 porque não tinham certidão de nascimento. Os cartórios das cidades não aceitam o registro administrativo do nascimento feito pela Funai e cobram pelas certidões, dificultando a aquisição.

Para Neto, as mudanças devem começar com a valorização de pequenos detalhes que, às vezes, passam despercebidos pelos não-índios. As entrevistas feitas pelos universitários constataram, entre outras coisas, que os caingangues não têm horário para comer – comem quando têm fome. E gostam muito de fuá (usam a folha da planta refogada), de pichê (milho socado com broa) e de canjica. “A cesta básica poderia ser adaptada para seus costumes”, conclui Neto. O médico pediu ao professor bilingüe Armandio Kãnkör Bento, 32 anos, para traduzir receitas dos caingangues que pretende incorporar à cesta básica e está incentivando o lançamento de um livro com a listagem das ervas medicinais usadas pelos kujãs (pronuncia-se cunhãs), os antigos curadores da tribo. Dessa forma, a nova geração de caingangues vai aprender a cuidar de sua saúde e, ao mesmo tempo, estará resgatando a relação de seus antepassados com a mata de onde tiravam o sustento e a cura das enfermidades.



FOTOS ADRIANA FRANCIOSI/ZH



800



ADRIANA FRANCIOSI/ZH

O poder dos kujã

“Os kujã tinham o apoio geral na aldeia em que viviam, além de conhecer todas as ervas medicinais encontradas na região. (...) Antigamente, o kujã tinha mais poder do que o próprio chefe sobre o povo, buscando sempre o melhor caminho contra os azares e perigos que os índios pudessem correr. O filho escolhido para se tornar kujã deve tomar chá de cacho de coqueiro durante três dias, uma vez por dia, antes de abrir a capa que cobre o futuro de cada coco. O futuro kujã sonhará, e lhe será revelado qual o dom de sua cura. O resto do chá é colocado em todos os cantos de sua casa para proteção contra os maus espíritos.

Geralmente os kujã rogam a seus espíritos em épocas de seca e enchentes. Nessas ocasiões, o kujã convoca todos os seus súditos para apoiar suas necessidades. Os espíritos invo-

cados são representados por diversos animais da mata. Quando o povo corria perigo de ataque inimigo, o kujã invocava os animais mais ágeis e perigosos, como o tigre, a cobra, e outros. Quando havia algum problema de saúde, animais específicos representavam a cura para cada enfermidade, além das ervas para o tratamento das doenças e feridas.

Hoje não existe mais kujã no Posto Indígena Guarita porque as religiões dos colonizadores caracterizaram a religião dos kanhgág como ‘desumana’, não passando de uma ‘louvação de demônios’.”

(Trecho do texto Como um Caingangue se Torna Kujã e Para Que, do professor bilingüe Armandio Kãnkör Bento, da reserva de Guarita, publicação do Projeto Textos Kaingang, edição da PBKG, DKA - Austria, ME/ANUD, 1997).